

Saberes em diálogo

Amostra

MANOEL RIBEIRO DE MORAES JUNIOR

SABERES EM DIÁLOGO

*Diplomacias, linguagens, filosofias e
ontologias a partir da Amazônia brasileira*

contra o
VENTO

Saberes em diálogo

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Contra o Vento é uma empresa da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Manoel Ribeiro de Moraes Junior

ISBN: 978-65-5319-128-0

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M828s

1. ed. Moraes Junior, Manoel Ribeiro de

Saberes em diálogo : diplomacias, linguagens, filosofias e ontologias a partir da Amazônia brasileira / Manoel Ribeiro de Moraes Junior. – 1. ed. Rio de Janeiro : Contra o Vento, 2025.

164 p.; 16 x 23 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5319-128-0

1. Amazônia — Cultura e sociedade. 2. Filosofia latino-americana. 3. Linguagem e poder. 4. Colonialidade. 5. Epistemologias do Sul. 1. Título.

CDD 306.0981

Índice para catálogo sistemático :

1. Cultura e instituições: Brasil 306.0981

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Eduardo de Proença

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Produtor Editorial:

Fonte Editorial



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:

ASSOCIADO



Agradecimentos

Agradeço às instituições e coletivos que forneceram suporte teórico, metodológico e político à realização desta pesquisa.

À Universidade do Estado do Pará (UEPA), por meio de seu cuidadoso corpo pedagógico, intenso e combativo corpo docente e guardião e zeloso corpo técnico, pela sustentação acadêmica e pelos dispositivos institucionais que viabilizaram o percurso investigativo.

Ao curso de Licenciatura em Ciências da Religião e ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, cujos ciclos epistemológicos contribuíram para a consolidação dos eixos conceituais desta obra.

Ao Herbário MFS-UEPA, pela mediação entre saberes ecológicos e cosmológicos, fundamentais à abordagem intercultural proposta. Aos povos Aikewara, Muduruku do Planalto, Arapyuns e Kumaruara, por suas contribuições científicas, ontológicas e narrativas plurais, que tensionam os regimes acadêmicos modernos e ampliam os horizontes interpretativos da antropologia e das ciências da religião.

Às e aos meus colegas orientandos vinculados à UEPA e à UFPA, pela colaboração em campo e pelas redes afetivo-acadêmicas que sustentaram os momentos críticos da pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências

da Religião (PPGCR-UEPA), pelo suporte à publicação, concretizado através de recursos da CAPES que, por sua vez, adota políticas de fomentos que têm permitido o fortalecimento da produção acadêmica plural, comprometida com a inclusão epistemológica e com o reconhecimento de alteridades.

Ao PPGSA da UFPA, aos amigos historicamente solidários do PPCIR da UFJF, ao PPGTEO da PUC-Rio e seu embate pelos direitos humanos, e às e aos queridos colegas do PPGCR da UMESS. Um carinhoso agradecimento à Université du Québec à Montréal (UQÀM) e à L'équipe de Recherche sur les Cosmopolitiques Autochtones (ERCA), cujos diálogos teóricos e sensíveis configuram um cenário transnacional de cooperação acadêmica.

Encerro este reconhecimento aos professores Dr. Paulo Nogueira e Dr. Luiz Bernardo, pelas interlocuções teóricas e críticas; e aos professores Dr. Heraldo Maués e Dra. Edila Moura, pelo constante incentivo à docência e à pesquisa em antropologia da religião na Amazônia, cuja relevância ecoa neste trabalho.

Às minhas crenças, ao espaço íntimo da minha casa, às e aos meus amigos de luta e etnografia, e aos meus afetos familiares que, em comunidade, sustentaram os enfrentamentos nos momentos mais anômicos da existência. Para eles, esta frase:

“Meu pensamento se comporta com a teologia da mesma forma que o mata-borrão com a tinta. Ele fica totalmente embebido dela (Walter Benjamin)”.

Amostra

SUMÁRIO

ÉTICA E PESQUISA	1
INTRODUÇÃO	3
Um pensante caboclo	
EM DEFESA DAS CIÊNCIAS E FILOSOFIAS	11
Diplomacia crítica para o reconhecimento e inclusão das alteridades em espaços públicos solidários e intercoletivos	
AS CIÊNCIAS HUMANAS NA ERA DAS CONEXÕES GLOBAIS	31
LINGUAGEM	39
Traço ancestral e presente no ser humano	
HUMANIDADES E EXPERIÊNCIAS	49
ANTROPOLÓGICAS NA AMAZÔNIA	
Linguagens, ontogenias e religião	
PLATÃO EM TRAVESSIA	79
Linguagens, cosmologias e as camadas do pensar	
CALEIDOSCÓPIO DE SABERES	101
Lévi-Strauss e a sapiência ameríndia em trama com as ciências	

INTERLOCUÇÕES	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	139

Amostra

ÉTICA E PESQUISA

Os escritos aqui apresentados foram elaborados em conformidade com a legislação nacional que regulamenta a ética na pesquisa.

No planejamento e desenvolvimento dos estudos, o autor recorreu a plataformas de busca e ferramentas de inteligência artificial, visando encontrar fontes literárias, referências, atividades de pesquisa e instituições que abordassem temas relacionados aos que circunscreviam este trabalho.

A pesquisa seguiu etapas metodológicas acadêmicas, incluindo leituras das obras, elaboração de resumos, redação e estudos de diários de campo, redação e reescrita dos textos que compôs esta obra, enfim, organização e documentação de todos os escritos os quais foram devidamente arquivados em todas as suas etapas conforme recomendado pelas boas práticas científicas

Amostra

INTRODUÇÃO

Um pensante caboclo

*Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente,
Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas
E toda a realidade é um excesso, uma violência,
Uma alucinação extraordinariamente nítida
Que vivemos todos em comum
com a fúria das almas,
O centro para onde tendem
as estranhas forças centrífugas
Que são as psiquês humanas
no seu acordo de sentidos.
Quanto mais eu sinta,
quanto mais eu sinta como várias pessoas,
Quanto mais personalidade eu tiver,
Quanto mais intensamente estridentemente as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir com todas
elas,
Quanto mais unificadamente diverso,
dispersadamente atento,*

*Estiver, sentir, viver, for,
Mais possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora.
Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,
Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,
E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco.*
(Álvaro de Campos)

Tudo começou com caminhadas, escutas, reflexões e diálogos. Elas não são passivas, apáticas e nem indiferentes, mas intensas e cheias de curiosidades e presenças nas mais diversas paisagens e nos mais plurais coletivos amazônicos, desatinadas entre falas e silêncios, entrecaminhos abertos de alteridades curiosas que se encontram e se perscrutam. Curiosidades em trocas existenciais, dádivas por meio de aprendizados e reaprendizados linguísticos. E não por acaso, estes textos nasceram às beiras dos rios ou no meio das salas de aula, no despertar das curiosidades, em diversos encontros e no cansaço de longas caminhadas existenciais. Eis um livro tecido por conversas e teorias como convém às ciências humanas. Um livro que brota das mãos de quem nasceu no Nordeste cearense, filho de pai paraense (Capanema) e mãe amazonense (Manaquiri, Manaus); cresceu em Manaus, entre a vastidão das terras e rios que entrelaçam os cursos do Amazonas, Solimões e Negro; percorreu o ensino superior pelos estados do Ceará, Rio de Janeiro e São Paulo; e hoje atua na Universidade do Estado do Pará – um percurso que atravessou anteriormente outras duas universidades estaduais: UECE e UERJ. Este trabalho consiste numa reflexão teórica e na compreensão das múltiplas expressões presentes

em discursos, gestos carregados de sentido, metabolismos organizados em narrativas e símbolos... bem como das muitas ausências, de intensas memórias e da diversidade de ritos vivenciados durante o tempo da pandemia. A partitura que fixa as palavras nestas páginas não segue um cânone perseguido por uma *intentio recta*, mas por pensamentos que caminham serpenteando como rios, vales e florestas – sempre aos modos das beiras de muitos igarapés amazônicos.

Na caminhada da leitora ou do leitor por estas páginas, todas e todos são convidadas e convidados a abandonar hábitos teóricos, crenças científicas e rotinas acadêmicas. Muitos dos rigores convencionais são úteis àqueles que ainda não cultivam espíritos livres, criativos e maduros, posto que o dogmatismo pode navegar nas ortodoxias, no niilismo ou até mesmo nos criticismos neologistas. Desta feita, é importante o desapego das verdades convencionais e dos rigores unidimensionais que invadem os protecionismos fronteiriços das ciências, inclusive, daquelas que se dedicam aos estudos humanos e sociais.

Este trabalho exige leveza no encontro com o novo e abertura diante dos desafios que se revelam em nosso tempo. Não por menos, neste instante, a vereda deste livro é uma travessia por espaços liminares, como em Victor Turner, e de idas às funduras da terceira margem, tal como nos murmura Guimarães Rosa. E, mais ainda. Tal como acontece nas obras de Platão, esta escrita, que não oferece atalhos, é um convite à travessia rumo ao lugar onde habitam as ambiguidades e os equívocos.

O que nos interessa nos fenômenos liminares é a mistura entre humilhação e santidade, homogeneidade e camaradagem. Em tais rituais, somos confrontados com um “momento dentro

e fora do tempo”, dentro e fora da estrutura social secular, que — por mais fugaz que seja — revela (ainda que não necessariamente verbal, mas simbolicamente expressa) a percepção de uma ligação social generalizada.

(Turner, 1989, p. 94)

E segundo Lévi-Strauss:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro - o rio.

(Rosa, 1969, p. 56)

Se os capítulos seguintes não são claramente lineares e parecem inacabados, é porque a jornada do autor foi feita de aberturas que aqui se traduzem em letras. Há obras que terminam abrindo. Por isso, esta introdução é um convite a um suspiro antes do mergulho.

Este livro nasce no século XXI, mergulhado num tempo de dilemas apocalípticos e ameaças escatológicas, entre ecos sombrios que já assombravam os anos 1980, mas que agora ressoam com igual intensidade e perigo. Por isso, numa era marcada por incertezas teóricas, nebulosidades epistemológicas, polarizações entre amigos e crises ecológicas profundas, muitas delas incontornáveis, cada

palavra escrita me nasceu como resposta à necessidade de repensar a importância dos espaços públicos, dos saberes compartilhados, das práticas e erudições científico-filosóficas, e da escuta interexistencial. Por isso, os capítulos aqui redigidos são frutos de um profundo entrelaçamento entre temas e teorias provenientes da filosofia, das ciências da religião, da antropologia da religião, dos saberes indígenas e da crítica sociopolítica. Trata-se de uma pequena obra que propõe, antes de tudo, uma convocação à diplomacia do conhecimento e da política; e, quase ao mesmo tempo, um modo de pensar que reconhece, de forma solidária, as diversidades ontológicas, linguísticas, fisiológicas, territoriais e afetivas.

Curandeiras, rezadeiras, mitopoetas e cientistas são aqui tratados não como figuras opostas, rompendo com a arrogante distinção entre filosofia e mito, ciência e senso comum; mas, como aliadas e aliados simbólicos e narrativos. Ao longo destas páginas, todas elas e todos eles atravessam os capítulos como artesãs e artesãos do verbo “ser”, guardiãs e guardiões de linguagens, pensadoras e pensadores que tecem os múltiplos, largos e profundos sentidos do mundo de nossas existências. No horizonte marxiano, suas praxes revelam-se como atos políticos encarnados, e suas narrações ancestrais surgem como formas metamórficas de resistência – não são apenas tradição, mas reinvenções vivas, transfigurações étnico-poéticas, indo além da conveniente expressão de Darcy Ribeiro. Nesta travessia, descobre-se que conhecer é inevitavelmente afetar e ser afetado, como se o conhecimento compreensivamente participativo fosse um ato de paixão: um movimento de entrega, um corpo que se curva, se dobra, se enverga, se oferece àquilo que o comove e transforma.

Inspirado pelo pensamento de Platão, que concebia o mundo das ideias como chave para o acesso aos modos

sublimes de se compreender a vida; por Lévi-Strauss, que buscava compreender os mitos como expressões de estruturas a partir das quais as mentes humanas poderiam arranjar seus ambientes de vida; e por Habermas, pensador que propõe ser pela linguagem que nos tornamos diplomaticamente *sapiens*, demasiadamente *sapiens*, este livro reivindica uma abordagem em que saber científico e saber cosmopolítico coexistem em diálogos solidários, numa esfera pública atravessada de linguagens intensamente metabólicas, sempre entrelaçando pensamentos e encantamentos – tudo isso embalado pela cantinela eterna de Heitor Villa-Lobos. Os muitos modos de taxinomização e verbalização sobre os entes no mundo, científicos ou ameríndios, são entendidos aqui, com a mais afetiva convicção, como conveniências epocais, sociais e locais; modos possíveis de se compreender a localidades dos e das que pensam e narram o universo.

Ao trazer à tona as práticas simbólicas, narrativas e poéticas dos povos amazônicos nas palavras dos pajés, nos cantos da floresta, nos poemas e escritos locais, nas cosmologias vivas que resistem aos seus apagamentos pelas mídias digitais contemporâneas, esta obra questiona a hegemonia da razão tecno-instrumental e propõe uma escuta sensível, compreensiva e participativa das narrativas que constituem mundos. O conhecimento aqui não se reduz à neutralidade ética, tampouco ao acúmulo tecno-formal de dados: ele se revela como uma decisão política pela vida, uma travessia epistemológica entre as diversidades de saberes, uma construção de sentido entre o vivido e o imaginado, o corpóreo e o não corpóreo, o humano e o não humano, o visível e o não visível.

E sobre estas caboclas encruzilhadas amazônicas de saberes e modos de vida, afirma Paes Loureiro,

Na margem do rio nasci. Cresci no fundo das águas. Dormi no colo da Iara, em seus palácios de algas. Quando tremia de frio, sem saber me consolar, cobriam-me lençóis bordados com estrelinhas do mar. Procuro-me e não me encontro rastejando-me por dentro. Ofídio sou de desejos e não tenho pensamento. Minha existência é de ser na existência dos outros, pois existo tanto neles que não existo por mim. Por isso só sei quem sou, sabendo de mim nos outros, e neles vou conhecendo o que sou sendo – não sendo.

(Loureiro, 2000, 56)